

ENCONTRO NOVA RESIDÊNCIA

Eu cá tinha os meus motivos para deixar Glasgow, o que aconteceu há cerca de três ou quatro anos, e já me fizera à Grande Estrada há umas cinco horas quando avistei um caminho à esquerda e uma placa com a inscrição «Castle Haivers». Ora aí está uma coincidência, pensei com os meus botões, pois aqui ia eu a percorrer a *Escoça* para visitar o castelo de Edimburgo e quem sabe lá arranjar emprego e talvez até casar com um jovem fidalgo ou um príncipe. Contava então apenas 15 anos, o mundo era cor-de-rosa e o meu sonho era trabalhar numa grande casa.

Além disso, um moço das Terras Altas vinha a seguir-me há uma hora, teria mais ou menos a minha idade e acabara de arrancar um dente. Estava constantemente a repuxar o lábio para baixo para me mostrar o buraco. Eu já estava cheia daquele tipo, das suas caretas, das suas perguntas, «para onde *fais?*», «onde *fifes?*», «como te *chamass?*», «*queress* ir comigo para a cama?»; não se calava. Contemplei-o com um chorrilho de mentiras na esperança de que se fosse embora, mas ele não me largava, era como bosta de cavalo agarrada às botas de um varredor de rua. Eu abrandava o passo e ele abrandava também, eu apressava o passo e ele também apressava, eu parava para compor o xaile ou mudar a trouxa de mão e o que fazia ele senão olhar-me com as mãos enfiadas nos bolsos? Por uma ou duas vezes reparei naquele papo por baixo das calças, que até era de ficar com os olhos arregalados e, para além disso, tinha uns pés imundos.

Devo admitir que um outro factor me fazia querer abandonar a Grande Estrada, que era uma parelha de polícias que se aproximava

de nós a cavalo. Pareciam ser uns latagões. Já os avistara ao longe há uns cinco minutos, com os chapéus altos e enormes botões e, desde então, procurava uma saída da estrada, mas uma saída que não me obrigasse a correr por um campo aberto e a enterrar-me até ao pescoço em esterco.

Desta feita, parei e voltei-me para o rapazola. — É aqui que nos separamos — disse eu, indicando a placa para o castelo.

— Eu vou contigo — disse ele. — E *podess fager-me o xantar*. E *depoiss podemoss fager bebéss*.

— Excelente ideia — disse eu e, quando ele se aproximou para me beijar, agarrei-lhe o material e dei-lhe um apertão. — Faz os bebés sozinho — exclamei. — Põe-te a milhas.

Lá segui pela vereda acima e, visto que ele veio atrás de mim, tive de lhe arrear a valer, dar-lhe mais uns apertões e umas pisa-delas; foi a última vez que lhe pus a vista em cima, pelo menos durante algum tempo.

A vereda que conduzia ao castelo serpenteava numa colina por entre um bosque de faias. Era Setembro, mas estava estranhamente quente, o que era para mim uma sorte, já que não trazia casaco. Depois de caminhar durante um minuto, comecei a escutar o ténue baque surdo de cascos no chão e voltei-me para observar a Grande Estrada. Os dois magalas passaram a trote em direcção a Glasgow. Nem olharam para o lado. Viva, pensei com os meus botões, aliviada. É o que eu sempre digo, se podemos evitar o escrutínio da lei, então porque não fazê-lo?

Depois de me ver livre deles, pensei em dar uma espreitadela ao castelo e depois procurar um sítio para pernoitar antes que escurecesse. Tinha comigo apenas seis moedas grandes e dois xelins e só Deus sabe quando iria arranjar mais, por isso dificilmente poderia pagar um quarto. Mas tinha esperanças de encontrar algum celeiro ou algum barracão onde pudesse encostar a cabeça durante algumas horas e depois prosseguir para Edimburgo ao romper da aurora.

Tinha avançado apenas alguns passos, quando vislumbrei uma rapariga do campo de cabelo ruivo mais ou menos da minha idade a virar a esquina. Trazia um vestido negro e um xaile axadrezado e vinha a arrastar um caixote pelo chão, preso a uma tira de couro. Apesar de caminhar num passo agitado, vinha a rir-se sozinha como

se estivesse possuída. O que reparei de mais notável nela foi a pele, extremamente áspera e ruborizada, como se tivesse passado o rosto por um ralador de noz-moscada. Afastei-me do seu caminho e dei-lhe as boas-tardes quando se cruzou comigo. Mas limitou-se a soltar uma gargalhada e continuou aos tropeções em direcção à Grande Estrada, a arrastar o caixote atrás dela. Actualmente, tal como naquela época, já nada me surpreende, mas seria de esperar mais educação da gente do campo.

A vereda que à minha frente se apresentava mergulhava para a direita e depois para a esquerda pelo meio de campos, voltava a subir e, cerca de dez minutos de caminhada decorridos, passava pelo portão de uma enorme mansão que se escondia num correr de árvores. Não via castelo algum, mas andava uma mulher a correr no caminho de cascalho e no relvado. Corria de cá para lá, agitando as mãos no ar e batendo palmas de vez em quando. A princípio, pensei que fosse louca, mas depois espreitei por cima do muro e compreendi que andava apenas atrás de um porco. Aquilo parecia muito divertido.

— Espere lá, patroa — gritei —, eu dou-lhe uma ajuda.

Alguma vez tentaram apanhar um porco? Não é tão fácil como possa parecer. O animalejo fez-nos correr em círculos. Saiu disparado pelas traseiras da casa em direcção ao pátio e nós seguimo-lo. Quase o consegui agarrar por uma vez, mas o bicho era escorregadio e escapuliu-se do meu abraço como se estivesse bem oleado. Eu podia tê-lo perseguido, mas não queria estragar o meu melhor vestido. A mulher não parava de me dar ordens gritando — Depressa! — dizia. E prosseguia: — Cuidado! — Percebi que era inglesa. Eu já tinha conhecido pessoas inglesas, mas nunca uma mulher inglesa. Finalmente, lá encurralámos o porco junto ao galinheiro. Perseguimo-lo ao correr de um cercado e depois enxotámo-lo de volta para a pocilga, acabando a mulher por fechar o portão.

Observei-a enquanto ali permanecia ofegante durante alguns segundos. Deveria ter uns 27 anos então. Tinha um corpo esbelto, apesar de parecer que não usava espartilho. Apresentava agora um certo rubor no rosto por causa da correria, mas dava para entender na sua fronte que tinha uma pele alva como o leite, sem uma única sarda; era puro alabastro. Trazia um vestido de seda, em tons aquosos,

mais azulado do que esverdeado, o que me surpreendeu por ser uma indumentária tão distinta para se andar atrás de porcos.

Ao fim de algum tempo, recuperou o fôlego. — Maldita porca — disse ela entre dentes. A princípio, pensei que se referia ao suíno, mas depois acrescentou: — Se a volto a encontrar, agarro-a e... — Cerrou os punhos, mas não concluiu a frase.

Lembrei-me da rapariga ruiva que ia a arrastar o caixote. — Alguém lhe fez mal, patroa? — indaguei.

A mulher olhou-me aturdida, penso que se tinha esquecido da minha presença. — Não — respondeu. — Alguém deixou o portão da pocilga aberto. Deve ter sido sem querer. — Depois fitou-me franzindo o cenho. — Quem és tu, afinal de contas?

Fiquei atarantada com a pergunta. — Quem sou eu? — repeti. — Bem, eu era... pode-se dizer que era a governanta de...

— Não, não — interrompeu-me. — Quero é saber se és das Terras Altas.

— Não, não sou — afirmei, indignada. — Nunca estive lá perto. — Como continuava a fitar-me, acrescentei: — Nasci na Irlanda, mas actualmente sou mais do tipo escocês.

Pareceu-me satisfeita com a resposta. — Irlandesa — disse ela. Enquanto perseguíamos o porco duas ou três mechas do seu cabelo ficaram em desalinho e agora fitava-me, pensativa, enquanto as arranjava. Uma pessoa podia perder-se naqueles olhos tão vastos e verde-claros, como o mar sobre a areia. Algum tempo depois perguntou — Governanta?

— Sim, patroa. Governanta de Mr. Levy de Hynland, perto de Glasgow.

— Acho que nunca na vida vi uma governanta a vestir cores tão exuberantes — disse ela. Adivinhei-lhe um trejeito nos lábios, como que se fosse rir, talvez tenha achado piada ao meu vestido. Era uma beleza, não há dúvida, de um amarelo-claro com pequenos botões azuis e laços de cetim brancos à frente, mas devo admitir que já não estava tão limpo como quando meti pés ao caminho de manhã. A batinha estava encardida e o rendado rasgado porque, a página tantas, o rapazola das Terras Altas deitou-me por terra e eu quase tive de lhe arrancar uma orelha para que me soltasse.